

O RENASCER VIANENSE

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA VIANENSE DE LETRAS

ANO VII Nº 28 VIANA-MA, MAIO DE 2010



VIANA
252
ANOS
DE
MEMÓRIA

Editorial

UMA CIDADE SEM ADMINISTRAÇÃO

Toda cidade que pretende seguir os padrões de uma boa administração, atenta às orientações arquitetônicas, precisa adotar um planejamento estratégico que preveja, dentre outras coisas, a limpeza pública, as regras de urbanização e o controle das edificações.

O Código de Postura Municipal da cidade de Viana, de 1893, disciplinava todas as atividades dos cidadãos vianenses, até o cuidado com o lacre dos caixões de defunto. O título segundo era dedicado à edificação da cidade, constando ali que: "Ninguém poderá construir ou reconstruir dentro da cidade qualquer edifício sem licença da Câmara, com precedência de alinhamento dado pelo fiscal e procurador da mesma."

Naquele período, por disposição constitucional, a administração das cidades era feita pela Câmara Municipal.

Esse dado histórico é importante para avaliarmos o quanto regredimos em matérias de postura municipal. Hoje, Viana é uma cidade desordenada. Todos constroem o que querem, onde querem e nada é feito para impedir.

O conjunto habitacional do Parque Dilú Mello (Areal) cada vez fica mais sofisticado, agora com casas até de dois pavimentos. Além dessa agressão, temos: rampas de garagens que avançam até o meio da rua; calçadas novas a critério do dono das casas; a situação da Barra do Sol, sem a mínima organização, sem limpeza interna e externa, e assim por diante.

A entrada de uma cidade é o ambiente do primeiro impacto para quem chega, principalmente o visitante. E o que temos para mostrar? Uma avenida mal cuidada, com construções desordenadas, uma série de bancas defronte de uma praça com sujeira em volta, mal iluminada e sem arborização. Em síntese, não há nada na Av. Luís de Almeida Couto que impressione e desperte satisfação em quem chega.

No Maranhão, hoje temos o exemplo de São José de Ribamar, cuja organização urbana sente-se ao adentrar à cidade, logo no começo da rua principal. Placas indicativas, asseio, prédios públicos organizados, tudo o que um município bem dirigido deve ostentar.

Apontamos essas desordens em Viana para tentar provocar uma reação positiva de reparo, um momento de consciência crítica entre os responsáveis. Não temos qualquer vínculo político. O que nos anima é o sentimento de cidadania daquele que reside na cidade e do vianense distante que tem a cidade dentro de si, como diz o poeta Ferreira Gullar.

CASA DA CULTURA

LUIZ ALEXANDRE



Numa iniciativa da Secretaria de Estado da Cultura, muito em breve Viana terá sua "Casa da Cultura". O local escolhido para sediar o espaço destinado à promoção e divulgação da cultura vianense será a antiga residência da família Aquino, um dos prédios coloniais mais imponentes da cidade.

A casa abrigará um museu, a biblioteca da AVL e um escritório da Secretaria de Cultura. A finalidade deste último é incentivar a preservação do patrimônio arquitetônico vianense e estimular todas as mani-

festações populares da cultura local. O projeto de implantação da Casa de Cultura conta com o apoio e parceria da Prefeitura Municipal de Viana.

O museu, por seu lado, antiga aspiração de todos aqueles que se preocupam com a preservação da memória vianense, será o espaço permanente para a exposição de móveis, utensílios domésticos e demais objetos que remetam ao passado da cidade. Contando com promessas de doação ou empréstimo (em forma de comodato) de mobília e peças antigas pertencentes

às famílias tradicionais vianenses, os organizadores esperam receber, após a inauguração do museu, novas doações que possam enriquecer o acervo da casa.

Alugado pela Secretaria de Estado da Modernização desde fevereiro, através de seu último titular, Dr. Luciano Moreira, o prédio agora deve passar por pequenas restaurações e adaptações (recuperação do piso, rede elétrica, banheiros etc.), a fim de que possa ser marcada a data da inauguração oficial da "Casa da Cultura de Viana".

PASSAR FOGO NO BOI 2010



JOSÉ VENTURA FURTADO

Preparem o arsenal de carretilhas!

Dia 28 de junho próximo, a mais tradicional brincadeira do Bumba-boi vianense estará saindo às 20 horas, da Praça São Benedito (local da concentração), para percorrer o trajeto já conhe-

cido das ruas Antônio Lopes, Dom Hanleto de Angelis e Cel. Campelo.

Almeja-se que a queima de fogos, deste ano, possa se repetir com o mesmo brilho e espírito de confraternização que sempre a caracterizaram.

COSTA JÚNIOR NA AVL

Na noite do próximo dia 22 de maio (sábado), na Igreja Matriz, estará tomando posse na Academia Vianense de Letras (AVL), o juiz de Direito José de Ribamar d'Oliveira Costa Júnior.

Filho do falecido Sr. Zezico Costa e de D. Terezinha Costa, aos 44 anos, Costa Júnior ocupará a cadeira de nº29, cujo patrono é o padre Eider Furtado da Silva, um dos membros fundadores desta agremiação cultural.

A AVL espera contar com a participação da comunidade local nesta reunião solene, quando mais um filho da terra estará se filiando a esta frente de luta pelo resgate das letras, da história e da cultura vianenses.

Carta recebida

Luiz,

Às minhas mãos tem chegado alguns exemplares do jornal O Renascer Vianense. O último, de fevereiro deste ano, trouxe notas sobre pessoas que conheci quando vivia em Viana: Osvaldo Gomes, José Pinheiro, Padre Eider, Dona Bibi Balby, etc. Li todos os artigos dos ilustres literatos, membros dessa Academia e fiquei imaginando uma seção, uma coluna para os vianenses anônimos, com recados, bilhetes dirigidos aos vianenses espalhados pelo Brasil. Por que não criar esse espaço para nós? Se houver concordância, já vou mandar aqui o meu primeiro recado.

Pesquei piaba no lago
Olhando pro Mocoroca.
Serenei baile no João Lino
Da calçada de Santoca.
Aos domingos passeando,
Chegava até Barreirinha.
E em passeios mais longos,
Também conheci Matinha.
Naquele Grupo Escolar
Fiz amigos, fiz colegas:
Epitácio, Gerson Costa,
Campelo e Zé Bacelar,
Zé Meireles, Leutres Silva,
Teresinha, Ribamar,
Teodolinda, Juraci
As meninas de Levi
E outros que vou lembrar.
Hinos cívicos cantei
E pelas ruas marchei.
Caminhei em procissão
Da Virgem da Conceição.
E do Padre Manoel Arouche
Recebia a comunhão.

Vianense Anônimo

Março/2010

Nota:

Este jornal estará sempre aberto às manifestações dos leitores.

ASSINATURA ANUAL DO RENASCER

Para se tornar assinante deste periódico, basta depositar o valor de R\$ 30,00 (trinta reais) na conta corrente da AVL, no Banco do Brasil.

Nº da conta: 13.365 – 5

Nº da agência: 2972 – 6

Depois envie uma mensagem para luiz.raposo@uol.com.br comunicando a data do depósito, o nome e o endereço completos do depositante (sem esquecer o Cep).

Dessa maneira, seu exemplar será enviado, trimestralmente, via correio.

Aos já assinantes que desejem renovar a assinatura, o processo é o mesmo. Não esqueça, porém, de passar a mensagem comunicando a data do depósito.

No ato da renovação, não é necessário comunicar o endereço do depositante (a não ser que tenha havido alguma mudança).

AUDIÊNCIA PÚBLICA EM VIANA

EDUARDO JÚLIO

O cultivo desordenado de arroz nos leitos dos lagos da Baixada Maranhense, especialmente no lago de Viana", foi o tema da audiência pública, realizada no dia 10 de fevereiro, na sede do Grêmio Recreativo Vianense, com o objetivo de discutir propostas e estratégias que visassem subsidiar a avaliação dos impactos ambientais, sociais e econômicos, a legalidade e a sustentabilidade do cultivo de arroz nos leitos dos lagos e áreas de entorno.

Promovida pela 2ª Promotoria da Comarca de Viana, a audiência contou com numerosa presença de plantadores, pescadores, líderes comunitários, técnicos agrícolas, representantes de associações ou entidades e demais interessados no tema. Entre várias autoridades presentes, além da procuradora-geral de Justiça, Maria de Fátima Rodrigues Travassos Cordeiro, que abriu oficialmente o evento em nome do Ministério Público, destacavam-se o promotor de Justiça anfitrião, Raimundo Benedito Barros Pinto, os prefeitos municipais de Cajari e Viana, Joel Dourado e Rilvamar Luís Gonçalves Moraes (respectivamente), o deputado estadual Francisco Gomes, o superintendente do IBA-MA no Maranhão, Alberto Paraguassu, e os representantes da Secretaria de Estado do Meio Ambiente (SEMA), Lorena Sabóia e Inácio Amorim.

O primeiro expositor inscrito, o professor da UFMA, doutor em Saneamento e Hidráulica pela EESC-USP, José Policarpo Costa Neto, fez uma exposição geral sobre a função ecológica dos campos inundáveis da Baixada e da grande importância da proteção dessas áreas. Reportando-se à omissão do poder público quanto a tal responsabilidade, conclamou os prefeitos da região a atentarem para a necessidade urgente da manutenção desse ecossistema que é



A procuradora-geral de Justiça, Fátima Travassos, pronunciando o discurso de abertura dos trabalhos



Aspecto do público que lotou o salão do Grêmio para acompanhar a audiência

único, e cuja vocação natural é a produção de pescado.

Excetuando-se a presidente da Colônia de Pescadores de Viana, Maria de Fátima Santos Pereira, que se declarou contra as plantações de arroz, os demais inscritos limitaram-se a defender sua continuidade em benefício das 136 famílias que vivem atualmente dessa cultura. Alguns outros oradores apontaram o cultivo de arroz nos lagos da Baixada como nova fronteira econômica para a região.

Ao encerrar o evento, a procuradora-geral de Justiça lembrou que

aquela audiência cumpriu com o seu objetivo de ouvir os depoimentos e anseios da população, para que se chegasse a uma conclusão sobre a rizicultura de forma sustentável. Enfatizando que o Ministério Público tem o dever constitucional de defender os interesses da coletividade, assumiu o compromisso, juntamente com a Prefeitura de Viana, de reivindicar e buscar os meios, a fim de que o Estudo e o Relatório de Impacto Ambiental (EIA/RIMA) daquele tipo de interferência no ecossistema lacustre da região sejam de fato elaborados.

Bloco homenageia música vianense



No último carnaval, o bloco organizado *Siri na lata* levou a música vianense, como tema, para o desfile na Avenida Luís Couto. Na comissão de frente do animado bloco, nada mais condizente que uma exaltação à grande representante e embaixadora de nossa música, Dilú Mello.

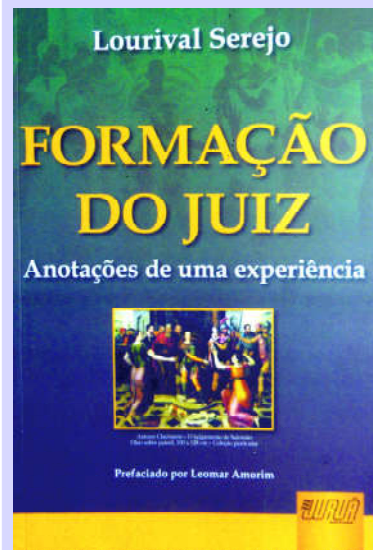
O bloco *Siri na lata* surgiu no carnaval de 2005, através da iniciativa de três jovens que imaginaram criar uma agremiação carnavalesca, cujo enfoque fosse voltado para a preservação e o resgate da cultura do nosso município. Assim, nos cinco últimos carnavais, o bloco vem tentando divulgar as mais belas tradições culturais da terra.

Em 2010, a idéia foi homenagear os músicos pelo muito que já fizeram e continuam fazendo pela preservação e valorização da música vianense. Afinal de contas, não se pode esquecer que Viana conquistou, no passado, o título de "Cidade dos Músicos" pelas sucessivas gerações, aqui surgidas, de verdadeiros artífices das notas musicais.

Entre os representantes da música atual, nosso confrade, Rogério do Maranhão, também mereceu a homenagem do *Siri na lata*. O cantor e compositor foi destaque do bloco, participando do desfile na avenida em carro alegórico especial.

LANÇAMENTO

O acadêmico, desembargador Lourival Serejo, lançou no dia 22 de abril, no salão nobre do Tribunal de Justiça, o livro *Formação do Juiz: anotações de uma experiência*.



CBM - Construções e Comércio Ltda.

Criada há apenas sete anos, a CBM – Construções e Comércio Ltda, de propriedade do vianense Heitor Pereira, já conseguiu se colocar entre as 10 maiores empresas maranhenses, neste ano de 2010. Prova disso foi ter sido uma das selecionadas pelo programa habitacional popular “Minha Casa, Minha Vida” do governo federal, para construção de casas populares no Maranhão.

Coube a CBM, a responsabilidade pela construção de mil casas, distribuídas em três conjuntos habitacionais, na cidade de Itapecuru-Mirim. O primeiro conjunto, já em andamento e com inauguração programada para novembro próximo, será composto de 403 residências populares e receberá o nome de “Benedito Buzar” (em homenagem ao escritor e jornalista itapecurusense). As 597 unidades residenciais restantes serão divididas em dois outros conjuntos, ambos previstos para serem entregues em 2011.

Somente famílias carentes, cujas rendas mensais estejam situadas entre zero e três salários mínimos, serão beneficiadas pelo programa, cujo objetivo é atender as necessidades de habitação dessa faixa da população, nas áreas urbanas de cidades com mais de 50.000 habitantes. As casas serão constituídas de sala, dois quartos, copa, cozinha, banheiro e lavanderia.

Em que pese o curto tempo de existência, a CBM (sigla de Construtora da Baixada Maranhense) já provou ter capacidade técnica e operacional para dar conta de uma obra desse porte. Experiência e dedicação não faltam à equipe dirigida pelo jovem empresário vianense, que carrega no currículo construções como a do Terminal Turístico do Porto do Itaqui, em São Luís, e a Unidade Descentralizada do CEFET da cidade de Zé Doca.

Obras em andamento –

No momento, além do canteiro de obras do Conjunto Habitacional “Benedito Buzar”, em Itapecuru, a construtora de Heitor Pereira é a responsável também pela construção do sistema de abastecimento de água do município de Santa Luzia do Tide, projeto igualmente financiado pelo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) do governo federal. Para a CAEMA (Companhia de Saneamento Ambiental do Maranhão), a CBM presta serviços de manutenção de redes e ramais do sistema de abastecimento de água das cidades de São Luís, Imperatriz e Açailândia.

Outros empreendimentos – Como primeira experiência empresarial, Heitor ingressou



O ministro das Cidades, Marcio Fortes de Almeida, a governadora Roseana Sarney, o presidente Lula, Heitor Pereira e demais empresários maranhenses da construção civil



Os ex-ministros Edson Lobão e Dilma Rousseff, a governadora Roseana Sarney e Heitor Pereira (entre outros empresários) ouvem a explanação do ministro das Cidades sobre a implantação do projeto “Minha Casa, Minha Vida” no Maranhão



Observado pelas autoridades presentes, o momento em que o empresário vianense assinava o contrato para a construção de mil unidades residenciais no município de Itapecuru – Mirim



Prédio da CEFET, em Zé Doca, construído pela CBM

no ramo de distribuição de remédios, há 16 anos, quando montou em sociedade com um amigo a BIOFAR – Diagnóstica Comércio e Representações Ltda., atualmente um das maiores distribuidoras de medicamentos hospitalares e material descartável do Estado.

Filho do conhecido fazendeiro Juju Silva, Heitor também não poderia fugir à tradição familiar de criadores de gado bovino. Em Viana, mantém a HP Agropecuária Ltda, um complexo de três fazendas produtoras de leite e gado de corte, que emprega 30 funcionários locais.

Dono de boa visão empresarial, dinâmico e arrojado, Heitor Pereira é bem o exemplo do homem de negócios antenado com as constantes mudanças nas demandas da sociedade globalizada. Casado com Maria Auxiliadora Aragão Pereira e pai de três filhos, o empresário vianense dirige suas empresas da sede da CBM, situada no elegante bairro Ponta do Farol, em São Luís.

Na lide diária com os muitos compromissos de trabalho, Heitor conta com o apoio e ajuda da família: a esposa auxilia na administração da firma de medicamentos; o herdeiro mais velho, Heitor Pereira Filho, assume a função de diretor administrativo da CBM; enquanto a segunda filha, Thalita Pereira, é a advogada das empresas. Allan, o mais novo dos três irmãos, é o único que não trabalha com a família. Aos 23 anos, formado em Administração de Empresas, é gerente de uma multinacional.

Planos de expansão dos negócios no futuro existem, mas fixado no presente, Heitor está mais preocupado em cumprir seus compromissos atuais e firmar os nomes de suas empresas, no mercado, com o selo da competência e da responsabilidade.

MUSEUS CA

Homem de requintada cultura e empresário bem-sucedido, Raimundo de Castro Maya iniciou a valiosa coleção de obras de arte hoje do Museu Chácara do Céu.

Luiz Alexandre Raposo

Famosos no Rio de Janeiro, os museus do Açude e Chácara do Céu abrigam uma coleção das mais ricas obras de arte existentes no Brasil. O que pouquíssimas pessoas sabem, mesmo a colônia vianense ali radicada, é que tal acervo encontra-se diretamente ligado à história de um conterrâneo, que conseguiu prestígio e fortuna na época da monarquia brasileira.

O 1º colecionador – Nascido em Viana em 1856, Raimundo de Castro Maya cedo migrou para o Rio de Janeiro com o objetivo de estudar, graduando-se em Engenharia Civil pela antiga Escola Central (atual Politécnica), então a “menina dos olhos” do imperador D. Pedro II. Pouco tempo depois, ao submeter-se a concurso na mesma escola, teria oportunidade de conhecer pessoalmente o imperador, o qual se encontrava presente à seleção. De acordo com informações contidas no livro *Museus Castro Maya*, “Sua majestade ficou tão impressionado com o jovem que não teve dúvidas em convidá-lo para preceptor de seus netos” (Museus Castro Maya/ Vários colaboradores; Rio de Janeiro: Agir, 1994).

Desse modo, o jovem engenheiro teve oportunidade de ingressar na vida da Corte, onde conheceria sua futura esposa Theodózia Benedito Ottoni, herdeira de importante família de liberais mineiros, filha de Christiano Benedito Ottoni e sobrinha de Teófilo Ottoni, político conceituado que daria nome a uma conhecida cidade de Minas Gerais.

Christiano Benedito Ottoni gozava de grande projeção no império, tornando-se ministro e construtor da Ferrovia Pedro II (atual Central do Brasil). Raimundo de Castro Maya trabalhou com o sogro na construção da estrada de ferro, destacando-se por sua capacidade técnica e poder de liderança. Do casamento com Theodózia nasceram três meninos: Christiano, Paulo e Raimundo, tendo este último nascido em Paris, quando o vianense ocupava o cargo de vice-Cônsul do Brasil naquela cidade.

Como empresário no Rio de Janeiro, Castro Maya já havia acumulado considerável fortuna, antes de mudar-se para a Europa. Assim, rico e dono de extraordinária sensibilidade, inserido na efervescência cultural da capital francesa, não hesitaria em usar de seu poder aquisitivo para adquirir obras de arte, iniciando ali uma das maiores e mais valiosas coleções de arte francesa de propriedade de um brasileiro. Segundo o historiador e crítico de arte, Paulo Herkenhoff, Raimundo de Castro Maya “representou o que de melhor havia no interesse pela arte francesa desenvolvida por alguns brasileiros, na segunda metade do século XIX”.

O 2º colecionador – Os dois filhos mais velhos de Raimundo de Castro Maya, Christiano e Paulo, tiveram destinos trágicos, falecendo ambos ainda muito jovens. Somente Raimundo Ottoni de Castro Maya (1894 – 1968), o terceiro filho, teve vida longa e soube seguir os passos do pai. Bacharel em Direito, empresário e industrial, igualmente culto e refinado, além de aumentar o acervo de obras de arte herdado, tornou-se um defensor do patrimônio cultural e natural do Rio de Janeiro. Na década de 1940, a convite do então prefeito do Rio de Janeiro,

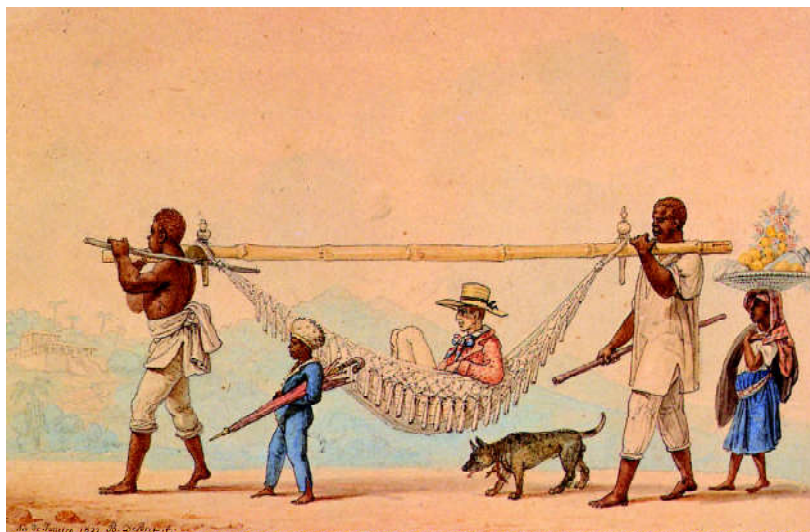
FOTOS: REPRODUÇÃO/IPHAN



Museu Chácara do Céu: situada no bairro carioca de Santa Teresa, a casa era a antiga residência de Raimundo Castro Maya e família



A elegância da sala de jantar da Chácara do Céu

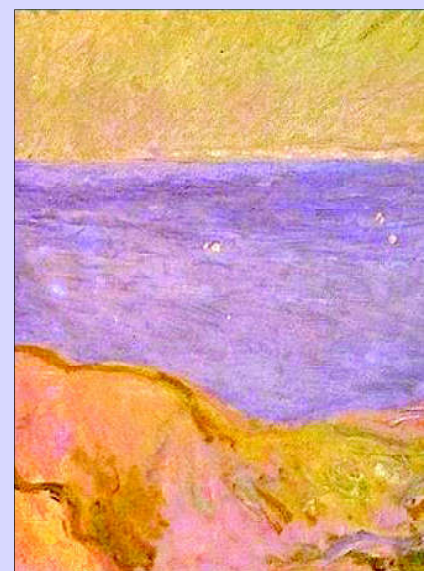


Retorno à cidade de um proprietário de chácara é uma das aquarelas de Jean-Baptiste Debret (1768-1848) que integra o acervo Castro Maya

Quadros roubados

Nas vésperas do carnaval de 2006, os quadros *Marine* de Claude Monet, *Jardim de Luxemburgo* de Henri Matisse, *Os Dois Balcões* de Salvador Dalí e *Dança* de Pablo Picasso foram roubados do museu Chácara do Céu, fato que se constituiu num acintoso desfalque à integridade do acervo colecionado com tanto desvelo pelos Castro Maya, e tão despojadamente confiado ao poder público pelo último integrante da família.

As quatro belíssimas pinturas, cujos valores somados alcançam a cifra de 5 milhões de dólares, até o presente momento não foram localizadas, apesar das investigações a cargo da polícia federal e do destaque que a mídia nacional deu ao caso, na época.



...e Marina de Monet: duas valiosas p

STRO MAYA

do no Rio de Janeiro, o vianense Raimundo de Castro
tribuída entre dois dos museus mais importantes do país



Museu do Açude (Alto da Boa Vista): em plena Floresta da Tijuca, a propriedade (adquirida em 1913) era a residência de verão da família Casto Maya



Raimundo de Castro Maya e a esposa Theodózia Ottoni

Henrique Dordsworth, coordenou os trabalhos de remodelação da Floresta da Tijuca. Teve também importante atuação na fundação de museus e de instituições culturais e editou livros importantes da iconografia carioca.

Nascido em Paris e educado no Brasil, tendo frequentado os melhores colégios do Rio de Janeiro, Raimundo Ottoni, entregue à atividade de colecionador, regressaria várias vezes à capital francesa com o propósito de selecionar e adquirir novas obras de arte para seu acervo particular, atualmente exposto nos museus do Açude e Chácara do Céu.

Os museus – Na década de 60, Raimundo Ottoni de Castro Maya, sem herdeiros e único sobrevivente da família, assinou a doação que passaria ao poder público, após sua morte, não somente a valiosíssima coleção, como inclusive os imóveis Chácara do Céu (situado no bairro Santa Teresa) e Açude (no alto da Boa Vista), ambos transformados em museus e atualmente sob a administração do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

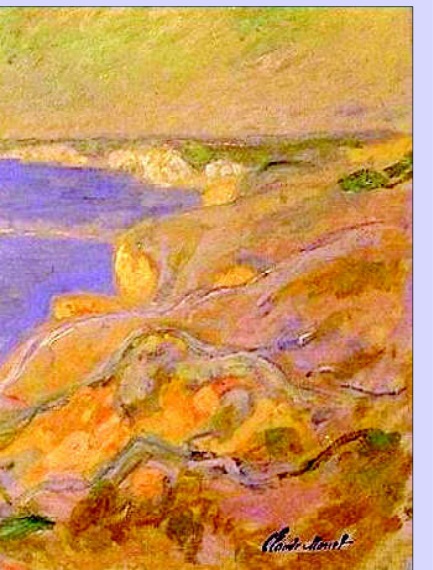
Os acervos dos referidos museus compõem-se de raras peças de arte chinesa, indiana e indochinesa; obras de consagrados artistas nacionais como Iberê Camargo, Antonio Bandeira, Cândido Portinari e Di Cavalcanti; magníficas pinturas a óleo, gauches, desenhos e gravuras de viajantes do século XIX, como Rugendas, Chamberlain e Taunay, destacando-se as 490 aquarelas e 61 desenhos de Jean-Baptiste Debret.

Merece especial destaque, dentre esse fabuloso conjunto artístico, a coleção de azulejos portugueses dos séculos XVII e XVIII, a grande maioria trazida do Maranhão. Sobre este aspecto em particular, adquirido por Raimundo Ottoni de Castro Maya, o historiador Herkenhoff faz uma interessante reflexão: “Era como se fosse trazida dessas casas sua pele mais sensível. Trazer azulejos do Maranhão era também trazer um pedaço da casa do pai”.

Ao analisar todo o conjunto do acervo dos Castro Maya, entretanto, o mesmo Herkenhoff vai mais longe: “Sem confundirmos as marcas temporais das próprias peças colecionadas, pode-se concluir que, através desse testemunho de vida evidenciado no colecionismo, esses dois homens – pai e filho – foram capazes de vivenciar pessoalmente um olhar compreensivo e atuante sobre dois séculos da cultura do Brasil. É como se tivessem vivido dois séculos.”



Jardim de Luxemburgo de Matisse...



as roubadas da pinacoteca do museu



Sala da Lareira: visual imponente do Museu do Açude



O conjunto de porcelana Companhia das Índias (século XIX) exemplifica a variedade das obras de arte expostas no Museu do Açude

MATADOURO OFERECE RISCOS À SAÚDE DA POPULAÇÃO

(*) Fabiana Pereira Correia

Reconhecendo a fragilidade e importância da integridade ecológica da região da Baixada Maranhense, indispensável à sobrevivência das comunidades humanas locais, o governo do Estado do Maranhão criou, através do decreto nº 11.900, de 11 de junho de 1991, a Área de Proteção Ambiental (APA) da Baixada Maranhense, cujos principais objetivos são disciplinar o uso e ocupação do solo e proteger seus campos naturais inundáveis.

Além da relevante beleza cênica, os lagos e campos inundáveis garantem a manutenção das funções ecológicas regionais e possuem incontestável valor socioambiental. Embora sem contar ainda com o devido Plano de Manejo (documento técnico que estabelece normas para o uso e gestão de determinada área protegida), é urgente a necessidade de cuidados essenciais que minimizem os impactos ambientais atualmente impostos à Baixada Maranhense.

Nesse contexto, são inúmeros os casos na região merecedores de atenção especial do Poder Público Estadual, através da Secretaria de Estado de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais do Maranhão (SEMA), e dos demais órgãos que atuam na promoção da cidadania. É o caso, por exemplo, do Matadouro Municipal de Viana, detectado em breve visita à cidade, ocorrida entre os dias 2 a 4 de fevereiro último.

O Matadouro Municipal de Viana funciona de forma ambientalmente inadequada, especialmente no que concerne ao saneamento, fator que se constitui numa séria ameaça à saúde da população local. Além da falta da correta higienização, todo o processo de abate dos animais ocorre sem os cuidados imprescindíveis que garantiriam uma carne livre dos riscos de contaminação e perfeitamente apta ao consumo humano.



FOTOS: GRAÇA CUTRIM/FABIANA CORREIA



Salão de abate: ao lado de animais ainda vivos, carcaças, carnes e línguas ficam expostas no chão sem nenhum critério de higiene

Outro grave problema evidenciado, na ocasião, refere-se ao destino final dos resíduos gerados pela atividade, os quais são escoados para o ambiente externo, através de uma simples canaleta existente no piso da área de abate. Dessa forma, a grande quantidade de sangue, urina e fezes dos animais abatidos escoam, sem nenhum tratamento, para uma enseada próxima ao matadouro, atingindo assim os campos inundáveis.

Para agravar ainda mais a situação,

durante o período do inverno, a enseada liga-se diretamente ao Igarapé do Engenho, onde se localiza a estação de captação da água que é distribuída aos habitantes da cidade.

Ressalte-se que o manejo inadequado dos resíduos gerados pela atividade do abate bovino constitui-se também num fator de risco para a saúde ambiental dos ecossistemas locais, podendo influir na produção do pescado e até atingir escala regional, quando considera-



Canaleta por onde escorrem, para o ambiente externo, os resíduos líquidos dos animais abatidos

dos os impactos negativos nas áreas de influência direta e indireta do matadouro municipal.

A Prefeitura de Viana deve ser notificada para prestar esclarecimentos sobre a situação do matadouro e, posteriormente, buscar soluções para o problema gerado, ou seja, manejar de forma adequada os resíduos provenientes da atividade, para que estes não sejam nocivos à saúde dos ecossistemas e das comunidades humanas locais.

A SEMA, por sua vez, deve realizar com maior frequência atividades de vistoria, fiscalização e monitoramento da qualidade ambiental da APA da Baixada Maranhense, tendo em vista a manutenção das condições naturais que justificaram o estabelecimento dessa Unidade de Conservação.

(*) Geógrafa; mestrandia em Sustentabilidade de Ecossistemas (DEOLI-UFMA) e Técnica Ambiental (SEMA)



MARIA DO CARMO OLIVEIRA SOUSA

★ 30.03.1934
† 10.03.2010

Na galeria das mulheres ilustres que dignificam a memória vianense despontam Dilú Mello, Anica Ramos, Coya Carvalho, Edite Silva, Maria Antônia Gomes, Zeila Lauletta, Josefina Cordeiro, Bibi Balby, Santoca Pinheiro, dentre outras.

Para essa constelação, acrescenta-se agora ou-

tro nome: Maria do Carmo Oliveira Sousa, mais conhecida por Carminha, falecida no dia 10 de março passado, na cidade de São Luís.

A trajetória de dona Carminha foi marcada pela determinação não só em seus projetos pessoais, mas no âmbito social, em prol de toda a comunidade vianense. Ninguém pode esquecer sua abnegação na fundação do Clube das Mães que se tornou um fórum de debates, não só para promoção de festas, mas para discussão dos problemas sociais da cidade. Tão positiva foi a atuação desse Clube que resultou na fundação de nossa primeira Maternidade, depois conhecida como a Maternidade Mãe Santinha.

Diz-se, com muita frequência, que por trás de um grande homem existe uma grande mulher. No caso de dona Carminha a recíproca é também verdadeira, pois ela contou, em suas iniciativas, com o apoio do marido, nosso conhecido Dr. Walter Coelho, um homem de coragem e honestidade comprovadas, que muitos serviços prestou à cidade de Viana, seja como auxiliar da Diocese, seja como diretor do nosso Grêmio Social, sem esquecer sua atividade como odontólogo por muitos anos naquela cidade.

Em família, dona Carminha sempre foi a líder respeitada pelos irmãos, sobrinhos, tios e primos, de várias gerações. Seu afeto não media grau de parentesco; todos eram tratados igualmente com atenção e carinho.

Todos que a conheceram guardam a imagem de uma pessoa decidida e alegre, que enfrentava com bravura e fé as intempéries da vida. Por conta dessa fé, manteve-se resignada e esperançosa até seus últimos dias.

Em sua caminhada pela terra, acolheu e cuidou dos que a procuraram, principalmente nos momentos de dificuldade. Ainda que breve, dona Carminha teve vida em abundância por disseminar o entusiasmo e a fé a todos os que a conheceram e conviveram com ela.

Lourival Serejo



IRACI RODRIGUES CORDEIRO

Faleceu, no dia 10 de março de 2010, em Brasília, a professora Iraci Rodrigues Cordeiro, viúva do comerciante Emídio Cordeiro.

Nascida em 24 de fevereiro de 1915, a professora Iraci Cordeiro faleceu aos 95 anos de idade, deixando os seguintes filhos: Emira, Djanira, Maria José (falecida), Raimundo (falecido), Anacleto, Josefa, Iramar, Emídio e José de Ribamar.

Uma geração de vianenses educou-se pelas mãos dessa distinta professora que, por muitos anos, lecionou e foi diretora do Grupo Escolar Estevam Carvalho.

SEMANA JOSUÉ MONTELLO EM VIANA

Juliana Lobo (Ascom Secma)

Viana foi o 12º município a receber a mostra sobre a vida e obra do escritor maranhense Josué Montello, promovida pela Casa de Cultura Josué Montello (CCJM). Durante cinco dias (de 26 a 30 de abril) a população vianense participou da programação no Centro de Treinamento Sagrado Coração de Jesus (antiga Casa Paroquial), localizado na Praça da Matriz.

A mostra, que retrata momentos da vida literária e profissional do escritor, é composta por painéis com fotografias, recortes de jornal, correspondências, artigos e livros (entre obras do próprio autor e de outros escritores maranhenses), além de um vídeo documentário.

Segundo a diretora da Casa de Cultura Josué Montello, Joseane Maria de Souza, além do acervo fotográfico e literário, a programação da mostra inclui palestras sobre a trajetória do escritor, os temas abordados em seus romances e as ações desenvolvidas pela CCJM. “Muitas pessoas ainda desconhecem Josué Montello. Nossa intenção é propagar o que o escritor representa para o Maranhão. Por isso, ao sair da exposição, cada visitante recebe uma cartilha sobre a biografia, cronologia e bibliografia do autor”, destaca.

A abertura da exposição contou com a presença da Secretária Adjunta de Cultura, Marilde Mendonça, da Secretária de Educação do Município, Adriana Guimarães, da professora Vitória Santos da Academia Vianense de Letras, do presidente da Associação Folclórica Bloco Siri na Lata, Clenilson Souza e do diretor da Biblioteca Pública Municipal, Igor Santos. Durante a solenidade foi entregue pela Secretária Adjunta da Cultura e pela Diretora da Casa um kit com obras do escritor e do plano editorial da Secma, para a Biblioteca Pública do Município.



A Secretária Adjunta da Cultura abrindo a exposição itinerante



A diretora da Casa Josué Montello ministrando palestra aos jovens



Estudantes prestigiaram a “Semana Josué Montello”

No encerramento do evento outro kit foi entregue à Associação Folclórica que montou a exposição em parceria com a prefeitura municipal. A exposição recebeu cerca de 1.000 estudantes vianenses de escolas da sede e zona rural, pertencentes às redes estadual e municipal de educação. Os alunos da rede particular de ensino também se fizeram presentes. A mostra recebeu ainda a visita de uma turma de 40 estudantes, acompanhados de seus professores, da cidade de Santa Inês. Uma programação cultural local foi apresentada no final da exposição.

Monitorada por uma equipe de técnicos da CCJM, a exposição já percorreu escolas, Organizações Não-Governamentais (ONG's) e espaços culturais de vários municípios maranhenses. “Além dos livros e fotos de Josué Montello, também apresentamos publicações de outros autores que fazem parte do acervo da Casa”, esclarece a diretora.

A itinerância das exposições conta com as parcerias das Academias de Letras do Maranhão, prefeituras municipais, instituições de ensino e espaços de cultura. Os interessados em receber a exposição devem entrar em contato com a Casa de Cultura Josué Montello pelo telefone (98) 3218.9945 ou pelo e-mail ccjm@yahoo.com.br

História

Localizada na Rua das Hortas, 327, no Centro de São Luís, a Casa de Cultura Josué Montello integra o sistema de cultura do Estado do Maranhão. Criada pela lei nº 4.351, de 31 de outubro de 1981 a casa foi inaugurada em 23 de janeiro de 1983.

Seu acervo bibliográfico contempla, aproximadamente, 60 mil peças doadas em vida pelo escritor Josué Montello. São coleções de livros raros, fotografias, publicações avulsas e periódicas, documentos, fitas, slides, medalhas, placas decorativas, quadros manuscritos e vasta correspondência do escritor.

Imagem de N.S. de Nazaré restaurada

Depois de submetida a longo e minucioso trabalho de restauração, patrocinado pela Secretaria de Estado da Cultura (SECMA), a antiga imagem de Nossa Senhora de Nazaré foi devolvida à presidência desta entidade cultural, através de termo de entrega, no último dia 28 de abril.

Sob a responsabilidade do restaurador Ednilson Costa, todas as etapas da recuperação da relíquia sacra vianense foram devidamente fotografadas e documentadas. O processo exigiu um delicado e paciente trabalho daquele profissional, a fim de que não se perdessem as características da imagem e pudessem ser identificadas suas cores originais (encobertas por várias camadas de repinturas ao longo do tempo).

Com a remoção do excesso de tinta, a imagem teve sua expressão facial restituída e igualmente recuperou a leveza e “movimento”, impressões habilmente esculpidas na madeira pelas mãos de seu criador.

Desse modo, a relíquia que inicialmente havia sido avaliada como “arte popular”, ou seja, fruto do trabalho de artesãos populares, durante o trabalho de restauração e redescoberta de detalhes antes imperceptíveis,



Imagem deteriorada: rosto reconchudo e sem expressividade pelo excesso de pintura; perda da mão direita e de um dos três anjinhos da base

teve sua classificação reconsiderada, ganhando assim o status de “obra de arte neoclássica.”

Relíquia de grande valor histórico e sentimental para a comunidade ca-



Imagem restaurada: além do pedestal de sustentação, a santa ganhou contornos e recuperou a expressividade do rosto; mão direita e anjinho recolocados

tólica de Viana, esta imagem foi a “pedra fundamental” do culto a N. S. de Nazaré (cuja festa grandiosa movimentava toda a cidade até meados da década de 1960), e que culminaria pos-

teriormente na criação da Paróquia de Nazaré, no antigo bairro do Ciroula.

Por tal motivo, achou-se conveniente o retorno da imagem no dia 1º de maio, ocasião em que aquela paróquia iria promover uma missa, seguida de procissão pelo lago a bordo de embarcações, como marco comemorativo do início do mês mariano.

No entanto, a comissão organizadora do evento (com a aquiescência do pároco de Nazaré), negou-se a receber a imagem. Motivo: o retorno da santa poderia se tornar o foco da atenção da mídia local, ofuscando o brilho e o verdadeiro objetivo do evento, segundo eles organizado sem nenhum apoio da Prefeitura de Viana.

Lamenta-se profundamente que uma comunidade cristã possa assumir uma postura tão insensível (para não se usar outros adjetivos mais condizentes) frente a uma iniciativa que visa unicamente o resgate da cultura vianense.

Por outro lado, deve-se esclarecer que a AVL não tem nenhuma ligação efetiva com a Prefeitura Municipal e que esta agremiação atua, a duras penas, arcando com as próprias despesas.

De todo modo, a imagem retornará a Viana em data a ser agendada para o mais breve possível.

POÇO DO PARÁ

Localizado na estrada velha do Caminho Grande, atualmente Avenida Messias Costa, no bairro de Fátima, este poço é parte importante da história de Viana

José Raimundo Santos (*)

A construção do Poço do Pará remonta, provavelmente, há quase três séculos, quando da chegada dos primeiros colonizadores.

Por situar-se no local onde se iniciava a estrada que ligava o Maranhão ao Pará, recebeu a denominação “Poço do Pará”, denominação esta conservada até os dias atuais conforme atesta o professor Antônio Lopes: ...O Caminho Grande nada mais era, na sua origem, do que a estrada que os jesuítas abriram para atravessar a região entre o Pindaré, o Turiaçu e o Gurupi, visando chegar ao Pará ou à região aurífera dos limites desse Estado com o Maranhão. Sobre esta estrada há referências em documentos e crônicas dos tempos coloniais, principalmente jesuítas. Um poço de água potável, que é a fonte pública de Viana, situado no Caminho Grande, ainda conserva a denominação Poço do Pará. Ouvimos de muitas pessoas antigas de Viana que o Caminho Grande se chamava outrora Estrada da Companhia, o que é uma clara reminiscência dos jesuítas, fundadores da aldeia de Nossa Senhora da Conceição do Maracu (Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão/César Augusto Marques; 3ª ed. - São Luís: AML, 2008. p.294)

Na mesma obra, o autor César Augusto Marques fornece duas importantes informações sobre a construção dessa via terrestre que ligava os dois Estados. Na primeira, reportando-se ao **Caminho ou Estrada do Maranhão ao Pará**, diz que: O governador D. Fernando Antônio de Noronha, em 1º de janeiro de 1794, participou para Lisboa que em consequência das ordens de Sua Majestade tinha mandado abrir uma estrada para a comunicação desta capitania com a do Pará, declarando-lhe agora o marechal-de-campo Antônio Correia Furtado de Mendonça, encarregado desta diligência, que a estrada estava concluída até o rio Turiaçu. Ordenou D. Fernando que a estrada aí parasse, por não dever continuá-la, visto ter entrado na capitania do Pará.

A segunda informação, referindo-se ao trecho da mesma estrada, situada dentro dos limites territoriais do Estado vizinho, relata o seguinte: **Caminho ou Estrada do Pará ao Maranhão**. O governador do Pará, D. Fernando de Ataíde, notando, em 1768, o rápido decréscimo da produção do gado em Marajó, e vendo a população necessitada de carne e farinha, resolveu, no ano seguinte, abrir uma estrada da vila de Ourém pela mata da aldeia de Maracu a findar nos campos do Mearim, para a expedição das boiadas do Maranhão e Piauí, sendo deste serviço incumbido um tal Albuquerque. Em 11 de junho do mesmo ano dizia o governador que aquela estrada estava já feita em metade de sua extensão.

Tais informações tornam indiscutível o fato de que o caminho ou estrada que ligava o Maranhão ao Pará, nos tempos coloniais, realmente existiu. Quanto à antiguidade do poço, já defendida por Antônio Lopes, é justamente o irmão deste, Raimundo Lopes, quem vem reforçar a tese de que a existência daquela fonte de



Ignorado pela administração pública, em 28 de janeiro de 2006, o poço foi restaurado pela Fundação Conceição do Maracu, através da iniciativa do autor desta matéria. A obra de restauração recebeu o patrocínio do empresário José Xexéu

água potável remonta mesmo ao período de construção e utilização do Caminho do Pará.

No livro “Uma Região Tropical” (Cia. Editora Fon-Fon e Seleta; Rio de Janeiro, 1970. p. 190), Raimundo Lopes pronuncia-se sobre o caso com uma nota de rodapé: Os jesuítas exploraram o Pindaré lutando contra o mururu e descendo o gentio guajajara; e abrindo uma estrada da sua missão do Maracu (Viana) através dos vales do Turi, do Maracaçumé e do Gurupi, até Ourém, no Guamá; e o “caminho grande” ou do Pará, cujo nome sobrevive num poço, em Viana, à entrada do mesmo caminho, dito ainda hoje “poço do Pará”.

Há dúvidas, no entanto, se o caminho utilizado pelos jesuítas seria o mesmo por onde passou a estrada de iniciativa dos governos do Maranhão e Pará, embora não se questione que o poço do Pará, em Viana, era o ponto exato onde os usuários chamados boieiros paravam para descanso, beber água, abastecer e depois seguirem destino.

Monumento histórico – O

Poço do Pará, portanto, é um monumento histórico que não pode ser afastado de nossa memória, faz parte de nossa cultura e do nosso cotidiano, haja vista que durante longos anos abasteceu a cidade de água pura e saudável.

Em 1882, por exemplo, ao denunciar o problema da água potável em Viana, o jornal A Ordem, (nº 61, datado de 7 de novembro daquele ano) já se reportava à necessidade de maiores cuidados no uso do referido poço: A cidade recente-se da

falta de água potável, pois que não temos fontes naturais além do poço denominado do Pará, onde a maior parte da população se abastece, por ser a melhor e mais próxima da cidade. Para conservar-se esta fonte que já se achava quase obstruída por sua antiguidade, mandou a Câmara Municipal fazer grandes reparos, com o que despendeu não pequenos capitais, mas não tomou todas as precauções afim de que se torne útil à população este benefício público. Abandonada a fonte, tomarão conta as lavadeiras e pessoas circunvizinhas e é junto ao bocal do poço onde ensaboão as roupas e as estendem. Os sãos que contem o sabão muito prejudicam as águas e a continuar-se com as lavagens, em breve ficarão elas deterioradas. O que convém por tanto é que a Câmara tome providências, mandando fechar o poço e que só seja aberto à hora que entender necessária, devendo ter uma pessoa, das que próximo residir, a quem encarregue desse serviço. Só assim poderá evitar as continuas lavagens de roupa, que além do mais, são prejudiciais a salubridade pública.

Fonte de água potável – Tanta preocupação com o poço do Pará, no passado, tinha sua razão de ser, pois os poços vianenses nunca produziram água de boa qualidade para dessedentação humana.

Certamente pela proximidade do município com o litoral (menos de 100 km em linha reta), nossos mananciais hídricos subterrâneos sempre produziram água salobra que servia apenas para usos domésticos (cozinha, banho, lavagem de roupas,

etc.) e dessedentação de animais.

Desse modo, além do poço do Pará, ficariam famosos também na cidade os poços da Mousinha e do Ciroula, os quais forneceram água potável para matar a sede da população, durante décadas e mais décadas. Nesse tempo não muito distante, vendedores ambulantes da água retirada desses poços abasteciam diariamente as casas das famílias vianenses. Acompanhados por um animal que transportava o precioso líquido em potes ou latas de querosene, os vendedores percorriam toda a cidade, oferecendo o produto oriundo de um desses três poços.

Nos dias atuais, o poço do Pará resiste à deterioração, em meio à quase completa indiferença dos vianenses. No entanto, tratando-se de um verdadeiro patrimônio da cidade, deveria ter sua importância histórica melhor difundida no seio da população local, principalmente junto à classe estudantil.

(*) Engenheiro agrônomo pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), primeiro-tenente PM da Reserva Remunerada da Polícia Militar do Maranhão

O RENASCER VIANENSE



Diretor/Redator: Luiz Alexandre Raposo (Reg. 0000821-MA)

e-mail: luiz.raposo@uol.com.br

Endereço: Rua Antônio Lopes, 459, Viana - MA CEP: 65.215-000